

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

**O capacitismo no ambiente esportivo de rendimento: um estudo com atletas de atletismo
adaptado**

**El capacitismo en el entorno deportivo de rendimiento: un estudio con deportistas de
atletismo adaptado**

Eje: Deporte, políticas públicas e inclusión social

Autores/as:

Feitosa Santos, Lucas Matheus

Universidade Federal de Alagoas, Brasil, lucas.santos@igdema.ufal.br

Menezes dos Santos, Silvan

Universidade Federal de Alagoas, Brasil, silvan.santos@iefe.ufal.br

Resumen: Há uma estigmatização histórica associada às pessoas com algum tipo de comprometimento e um impacto da configuração societária no exercício da cidadania deste grupo social. Nas últimas décadas o esporte adaptado às pessoas com deficiência (PCD) foi um fator de fomento de soluções, equidade e luta por direitos que viabilizassem melhorias na causa anticapacista. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi compreender como atletas alagoanos/os com deficiência manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no contexto esportivo. Por meio de uma pesquisa de inspiração etnográfica, com abordagem qualitativa dos achados, acompanhamos 12 atletas e dois membros da comissão de treinadores de uma equipe de atletismo adaptado na sua rotina de treinos durante seis meses. Observamos a organização estrutural da equipe esportiva, os sistemas de treinamento, a vida cotidiana dos atletas e a interação deles com seus parceiros de prática bem como com o espaço. Identificamos que o contexto esportivo adaptado reproduz o capacitismo linguístico em sua dinâmica cotidiana. Por conta de anos de coleguismo e amizade, a comunicação da PCD também pode ser influenciada a cometer reproduções não intencionadas de preconceito, seja de

capacitismo ou de homofobia, como exemplificado no trabalho. Além disso, a condição financeira e os obstáculos para a profissionalização esportiva, bem como a classificação funcional dos atletas se estruturam como operadores simbólicos capacitistas do contexto do esporte de rendimento.

Palabras clave: Esporte adaptado – Anticapacitismo – Sociologia do esporte – Jogos Paralímpicos - Mídia.

Introdução

A partir do que correntemente observamos nos estudos da deficiência, como a estigmatização histórica associada às pessoas com algum tipo de comprometimento (Maciel, 2000), o impacto da configuração societária no exercício da cidadania deste grupo social (Diniz, 2007), o papel do esporte adaptado no enfrentamento contemporâneo do capacitismo¹ (Marques e Gutierrez, 2014) e a responsabilidade da mídia esportiva na representação ambígua de atletas com deficiência como incapazes ou como super capazes (Hilgemberg, 2014; 2019), compreendemos a necessidade de uma investigação que possibilite uma visualização intrínseca do entendimento identitário do atleta com deficiência, a partir de sua relação com aquilo que o caracteriza como tal: sua vivência esportiva. Nesse sentido isso, o objetivo do estudo foi compreender como atletas alagoanas/os com deficiência manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no contexto esportivo.

Desenvolvimento

Metodología

Este trabalho traz resultados de uma pesquisa em andamento. A partir de uma investigação de inspiração etnográfica, com uma abordagem qualitativa dos achados, observamos a organização estrutural de uma equipe esportiva, os sistemas de treinamento, a vida cotidiana dos atletas e a interação deles com seus parceiros de prática bem como com o espaço. Tal possibilidade ocorreu pela profundidade de inserção do pesquisador principal junto a população observada, pois como aborda Ataídes e colaboradores (2021), a etnografia atua de forma singular, por meio do contato entre os investigadores e o universo que ali se

¹ Como Wolbring (2008) explica, o capacitismo é caracterizado por um conjunto de práticas, crenças e procedimentos que favorecem algumas habilidades em detrimento de outras, exaltando aqueles que possuem as habilidades que são habitualmente vangloriadas e inferiorizando aqueles que não as possuem — isso se aplica tanto à forma como o indivíduo enxerga outras pessoas quanto à sua própria.

encontra, trazendo o aporte teórico à realidade vivente e conduzindo a abstração e suas relações.

O pesquisador principal do estudo acompanhou a rotina de treinamento de 12 atletas da Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL) e o trabalho de duas pessoas da comissão técnica de treinadores. Eles são praticantes do atletismo adaptado e treinam, semanalmente, no Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas (IEFE/UFAL).

Os atletas treinam nos dias de terça-feira e quinta-feira, das 8h às 10h00 (aproximadamente). O treino inicia com a prática de alongamentos e aquecimento, durando cerca de 40 minutos. A parte principal do treinamento é caracterizada pela separação dos atletas no espaço para suas respectivas práticas, onde alguns passam para as modalidades de campo e outros para as corridas na pista. Há aqueles que dividem suas ações entre os dois espaços. O recorte temporal do acompanhamento dos treinos teve seu início na data 12/12/2023 até 16/05/2024.

Para a análise dos dados, adotamos a Análise conteúdo, que segundo Bardin (2009, p. 41), este tipo de análise “[...] trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles”.

Achados do estudo

A reprodução linguística do capacitismo

Durante nossa investigação, os atletas manifestaram comportamentos internos do que, para quem não está presente no cotidiano e não estejam familiarizados com suas falas, pode ser fator de estranheza. São declarações de tendências preconceituosas e capacitistas.

No dia 16/05/2023, em uma das minhas presenças no local, os atletas estavam divididos em três grupos: os que treinariam 100m; aqueles que iriam praticar arremessos de peso; e outro grupo que também treinaria arremessos, mas sendo composto por pessoas em cadeira de rodas. Acompanhei aqueles que faziam arremessos de peso, mas que possuem mobilidades em suas pernas, sendo eles os atletas J, I e F. Em frente a área de arremesso se encontrava uma trave de futebol, o que poderia ser um empecilho. Ela foi transformada em um objeto a ser utilizado como ferramenta de treino, pois tentariam lançar o peso acima dela.

Em duas tentativas, o atleta J ao lançar o peso acertou a trave, gerando um diálogo:

I – “Olha o miserável, você vai derrubar a trave, oh animal!”

J – “Fica quieto, doido!”

F – “Não se assuste não, Lucas, por aqui com eles é assim mesmo”

I – “É, eu chamo ele de perninha, de inseto... animal. Ele me chama de mãozinha... de doido. É normal

F “Ainda chamam de ‘viado’. O que não falta é ‘nome’ que eles chamam entre eles. O que eu escuto de viado e caba safado nos treinos... (risos)”

Uma palavra que desperta o interesse devido à sua discriminatória durante a conversação é “viado”. Monteiro e colaboradoras (2014) analisam como homens e mulheres jovens do Rio de Janeiro entendem e acabam vivenciando as expressões de características discriminatórias e preconceituosas. No estudo, as autoras citam como a não problematização de expressões intolerantes e hostis apontam para a naturalização dessa realidade nas camadas sociais do Brasil. Desta maneira, inferimos que, como em diferentes contextos coletivos, a perspectiva do PCD também pode ser influenciada a cometer reproduções não intencionas de preconceito, como no caso observado, de homofobia.

Ademais, por pressuposição, o diálogo dos atletas também representa um outro viés preconceituoso, mas de caráter capacitista e intolerante existente no próprio grupo social. Não foi a primeira vez que ocorreu um diálogo semelhante, sendo, em realidade, uma prática comum entre a equipe. A linguagem adotada pelos atletas parte de uma relação de anos de coleguismo e amizade, como podemos observar no seguinte excerto da atleta F, quando conversamos logo após a realização de sua atividade de treinamento:

“O I é uma inspiração para mim. Ele gosta de provocar também. Quando eu cheguei aqui, falei para o treinador para ele não me colocar na corrida de jeito nenhum, botar em qualquer prova, menos na corrida. Cheguei no primeiro dia e ele me colocou para correr. Ai quando a gente ia para o ponto (de ônibus) o I disse ‘eu não dou uma semana para essa aí’ – Aí eu disse ‘que filho da mãe, você vai ver’. É para provocar, a gente rir. Fico animada.

Essa característica não se restringe somente aos atletas, o corpo técnico também utiliza de signos provocativos para motivação. Observamos isso quando um dos membros da comissão cita:

“Eu provoco. Provoco mesmo para ver se acordo esses atletas dorminhocos e voadores”

Uma das características existentes no capacitismo é a atribuição de imagens sempre positivas para com as PCD quando nos referimos aos seus comportamentos e sentimentos. Seron e colaboradores (2021), ao relacionarem o comportamento da mídia e o reforço desta

na externalização estereotipada da representação das PCD, comentam sobre a imagem angelical sobre a qual é construída a pessoa com deficiência, vivendo em bases de inocência e como indivíduos incapazes de subjetivar sentimentos negativos como raiva e aversão. Essa ideia se torna prejudicial, primeiramente porque cria uma visão alinhada aos fatores capacitistas, através de uma desumanização. Além disso, é edificada uma persona que dificulta a abordagem de temas como, por exemplo, fraudes cometidas em competições de alto rendimento esportivo.

A condição financeira e o “não” profissionalismo

No dia 07/05/2024, em uma conversa com os atletas I e F, em suas preparações para o treinamento do dia iniciaram uma conversa que se concentrou em diversos temas sobre o Programa Bolsa Atleta, especialmente sobre suas problemáticas na realidade alagoana e mais especificamente no atletismo adaptado do estado. A seguir, observamos o que foi dito pelo participante:

“O atletismo está com três anos, o atletismo em si (em Alagoas) não ganha bolsa (estadual). São 4 bolsas (estaduais) e vai variando de esportes, porque tem natação, atletismo, handebol e basquete, são várias modalidades para poucas vagas de bolsa. Então... isso acaba dificultando muito, porque a bolsa atleta é o incentivo que dá ao atleta paralímpico a chance de desenvolver mais a estrutura para alto desempenho, chegar ao nível lá em cima, começar de baixo para cima. Mas assim, sem o incentivo muitos vão sendo esquecidos por falta de benefícios”.

A fala do atleta demonstra a dificuldade existente por vários grupos de esportistas ao redor do país. É sabido que é dever do Estado o papel de fomento não somente a manifestação das práticas esportivas, como também o aporte financeiro e suas destinações (Camargo et al., 2020). Entretanto, o segundo aspecto ainda possui um caráter pouco compacto em nível de organização.

Entende-se que o desenvolvimento no esporte de alto desempenho é fortemente condicionado pelo suporte através de diferentes fatores. A permanência está intrinsecamente relacionada ao recurso financeiro (Texeira e Cappelle, 2023), e ainda que o financiamento esportivo esteja culturalmente e historicamente associado ao alto rendimento (Camargo et al., 2020). Observa-se no cenário esportivo paralímpico um aporte financeiro aquém do que é visto no esporte para o corpo normativo. Essa questão é debatida internamente entre os atletas I e F (considerados os mais avançados em suas modalidades na ADEFAL). Costumeiramente

ocorrem conversas sobre o ranking nacional. Suas metas principais não são somente atingir o topo das posições, mas conquistarem colocações que proporcionem a eles a chance de obterem o recurso financeiro, sendo a perspectiva de maior alcance das distribuições financeiras esportivas, uma esperança presente no imaginário deles.

Um tema muito abordado no convívio entre os atletas é, em especial, a pouca quantidade de esportistas no estado agraciados com recursos do Programa Bolsa Atleta, como também o pouco investimento financeiro que recebem. A atleta F, em uma de suas passagens, comenta sobre o fato, somando a ele a pouca visibilidade recebida pelos atletas do atletismo adaptado local:

“É um incentivo para nós atletas. Seria uma grande ajuda para nos manter no esporte, mas infelizmente há uma grande dificuldade em conseguir. A bolsa nacional para conseguir precisa ficar entre os três melhores do Brasil, já a bolsa estadual deveria ser mais fácil, no entanto, o atletismo não é muito visto dentro do estado ou por quem está a frente. Quando se tem um paradesporto (competição) em um outro estado não somos inscritos, essa competição não conta pontos no CPB”.

Tanto os participantes I e F como os demais 10 atletas comentam sobre o papel do aporte financeiro para suas manutenções no esporte. Além disso, apesar de um profissionalismo cada vez maior no esporte adaptado às PCD, há um número bastante expressivo de atletas que custeiam com seus próprios recursos a permanência no ambiente competitivo, podendo gerar grandes prejuízos financeiros futuros (Marques e Gutierrez, 2014). O desenvolvimento desportivo não é, em muitos dos casos, pautado em um equilíbrio que permite ao indivíduo condicionar seus esforços para a modalidade que pratica, estando propensos a momentos que possam desestabilizar suas vidas em diferentes esferas, não somente na carreira atlética (Texeira e Cappelle, 2023).

Ao trazermos a realidade do grupo de atletas participante do estudo e o seu relacionamento com o cenário competitivo, notamos que o fator financeiro e o fato de ser apoiado por um projeto governamental esportivo traz aos participantes da investigação o sentimento de que estão inseridos no profissionalismo. Para exemplificar essa questão, temos o trecho do que foi dito pelo assistente técnico da equipe, que chamaremos aqui de “A”:

“Matheus, nem todos aqui são alto desempenho, alguns têm potencial para isso, especialmente F e I... talvez o P também. Eles têm mais chances de pegar uma bolsa, mas alguns outros estão mais por saúde mesmo”.

Nesse excerto, vemos que não somente na visão dos próprios atletas, mas também na compreensão do próprio assistente há o entendimento da existência de uma relação entre alto desempenho e apoio financeiro. Isso corresponde a uma visão capacitista interiorizada do que seria ou não um atleta de nível competitivo.

A classificação funcional como critério esportivo capacitista

A classificação dos atletas paralímpicos ou Classificação Esportiva Paralímpica (CEP) determina aquelas/as que são elegíveis a competirem e como são agrupados. Cada modalidade possui seu sistema, partindo de nomenclaturas em inglês, além de números que apontam para o grau de comprometimento do atleta (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023). A classificação esportiva tenta minimizar o impacto que a deficiência possa causar no contexto competitivo, proporcionado a chance da excelência esportiva ser o fator-chave para existência do vencedor.

Acerca da realidade dos sistemas de classificação, os participantes da pesquisa são enfáticos ao comentarem sobre suas visões, que vão no sentido de uma melhor atuação dos profissionais dessas áreas, como é relatado pela atleta F:

“[...] É uma questão que deveria ter maior igualdade na classificação dentro do CPB, que dizem ser feitas e baseadas no grau de deficiência. Sou classificada como T-37 que é pista e F-37 que é campo e tenho certo grau de limitação, mas nas competições que tenho ido, tem atleta com grau de comprometimento quase nada e que são classificados nessa mesma classe. De alguma forma, isso causa um pouco de desmotivação, na minha opinião isso deveria ser revisto”.

O sentimento da esportista do nosso estudo é semelhante ao da atleta nacionalmente conhecida Beth Gomes, biografada por Tonon (2022), a qual passou por um processo emocionalmente doloroso de realocação da classificação, demonstra uma situação que não se individualiza em localidades afastadas dos grandes centros esportivos do país. Ao que parece, isso se manifesta em camadas heterogêneas, configurando-se como um imbróglcio que deveria ser compreendido e desenvolvido à vista de maiores fatores de equidade.

Em sua pesquisa sobre a percepção do corpo e o sistema de classificação com jogadores de rugby em cadeiras de rodas, Vega (2023) aborda, através do relato de um dos entrevistados, que a experiência da classificação não condiciona somente um entorno esportivo igualitário e/ou equitativo, mas muito além de classificar corpos, ela também determina quem pode fazer parte de um sistema restrito, sendo esse um ângulo que afeta diferentes faces da vida de um

indivíduo. Tecendo um paralelo com o capacitismo e suas manifestações, observamos que o impacto causado por uma classificação determina, em muitos aspectos, a visão pessoal do atleta como uma figura esportiva, trazendo a ele sentimentos de insuficiência quando são reajustados numa classificação que o prejudiquem, ou até mesmo não poder continuar como desportista.

Reflexões finais

Este trabalho objetivou compreender como atletas alagoanas/os com deficiência manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no cotidiano esportivo. Identificamos a existência de categorias analíticas que funcionam como estruturas simbólicas do capacitismo e do anticapacitismo no contexto esportivo. A linguagem mobilizada no cotidiano dos próprios atletas, os condicionantes financeiros associados à profissionalização esportiva, bem como a classificação funcional foram dimensões mapeadas como operadoras da autopercepção delas/es acerca das suas capacidades humanas e sociais.

Bibliografia

Ataídes, F. B., Oliveira, G. S., y Silva, A. A. F. (2021). A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, 20(48). Recuperado de <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2601>

Bardin, L. (2009) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Camargo, P. R. de., Santos, T. de O., Castro, S. B. E. de., y Mezzadri, F. M. (2020). Financiamento público, preparação olímpica e aplicação de recursos: o caso da confederação brasileira de handebol. *Journal of Physical Education*, 31, e3167. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3167>

Comitê Paralímpico Brasileiro. (s.d). Classificação Esportiva Paralímpica (s.f). recuperado de <https://cpb.org.br/classificacao/classificacao-esportiva/>

Diniz, D. (2007) *O que é deficiência*. (1. ed). São Paulo: Brasiliense.

Hilgemberg, T. (2014) Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *Ciberlegenda 1*(30), 48-58. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36954>

Hilgemberg, T. (2019) Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. *Recorde*, 12(1), 1-19. Recuperado de <https://revistas.ufjf.br/index.php/Recorde/article/view/25663>

Maciel, M. R. C. (2000) Portadores de deficiência: A questão da inclusão social. Portadores de Deficiência a Questão da Inclusão Social. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 51-56. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200008>

Marques, R. F. R., y Gutierrez, G. L. (2014) *O Esporte Paralímpico no Brasil: Profissionalismo, administração e classificação de atletas*. São Paulo: Phorte.

Monteiro, S. S., Villela, W. V., y Soares, P. da S. (2014). É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 24(2), 421–440. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200006>

Seron, B. B., Souto, E. C., Malagodi, B. M., y Greguol, M. (2021). O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. *Movimento*, 27(1). <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113969>

Teixeira, T. S., & Cappelle, M. C. A. (2023). A carreira esportiva de alto rendimento e o equilíbrio entre trabalho e vida privada. *Revista Gestão Em Análise*, 12(1), 85–102. <https://doi.org/10.12662/2359-618xregea.v12i1.p85-102.2023>

Tonon, L. M. M. (2022) *Beth Gomes: Uma Atena Brasileira*. Rolândia: Instituto e editora Cintia Chiarelli.

Vega, G. Z. (2023). *Percepción del cuerpo y del sistema de clasificación funcional de los jugadores de rugby en silla de ruedas de la selección* (Tesis de Maestría). Recuperada de <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/84391>

Wolbring, G. (2008). The politics of ableism. *Development*, 51(2), 252-258. <https://doi.org/10.1057/dev.2008.17>.